

A idéia de experiência e o mapeamento dos fenômenos no *Magia naturalis* de Giambattista della Porta (1535-1615): um estudo preliminar

Fumikazu Saito &
Maria Helena Roxo Beltran

A *Magia naturalis*, publicada em 1589, era um tratado que versava sobre os segredos da natureza que o mago (*magus*) renascentista, Giambattista della Porta, colecionara desde sua juventude.¹ Organizada em vinte livros, a obra se apresenta como um repertório, e um exame histórico, dos diversos “segredos” (*arcani*) de numerosas práticas em voga naquele tempo.² Nele o leitor é afrontado com uma impressionante quantidade de curiosidades de várias naturezas relativas, por exemplo, à criptografia, à óptica,

à agricultura, à cosmética, à alquimia, entre outros.

Acumuladas ao longo do tempo, tais curiosidades, entretanto, não foram transcritas sem uma reflexão deliberada do autor. Della Porta não procurou apenas inventariar as várias “curiosidades e raridades” relatadas pelos homens de seu tempo ou legadas pela tradição. O seu propósito na *Magia naturalis* parece ir além na medida em que ponderava, experimentava e procurava verificar se

Apoio FAPESP.

1 Vide G. della Porta, “The Preface to the reader”, in *Natural Magick*, p. c (o presente estudo teve por base a versão escrita em latim, *Magiae naturalis libri XX* [1589] e a tradução para a língua inglesa, *Natural Magick* [1658], organizada por Derek J. Price); convém observar, entretanto, que há controvérsias em relação a Della Porta ter escrito a *Magia naturalis* aos quinze anos de idade; a esse respeito, vide L. G. Clubb, *Giambattista della Porta Dramatist*, pp. 10-1.

2 A primeira edição da *Magiae naturalis* é de 1558. Organizada em quatro livros, essa edição serviu de base para a versão amplificada e modificada, com o título de *Magiae naturalis libri XX in quibus scientiarum naturalium divitiae et deliciae demonstrantur*, de 1589; vide D. J. Price, “Editor’s Preface”, in G. della Porta, *Natural Magick*, p. vii; e M. H. Rienstra, “Porta, Giambattista della”, in C. C. Gillispie, org., *Dictionary of Scientific Biography*, Vol. 11, p. 96.

tais relatos eram verdadeiros ou falsos.

De fato, a *Magia naturalis* tem um plano. Os segredos foram distribuídos em classes de tal modo que cada livro foi dedicado a um assunto. Assim, com exceção dos muitos capítulos do livro I, que são dedicados aos princípios que deveriam inspirar e nortear a atividade teórica e prática do mago, a ordem das matérias segue a própria “ordem das ciências” (*scientiae*), que foram divididas por Della Porta em “Naturais e Matemáticas”:

“(…) começarei pelas Naturais, por acreditarmos ser mais conveniente na medida em que tudo resulta daquelas coisas que são mais simples e não tão laboriosas, até chegarmos às Matemáticas. Portanto, primeiro, procederemos dos Animais às Plantas e, assim, passo a passo, aos Metais e às outras operações da Natureza”.³

Dos animais às matemáticas, a *Magia naturalis* cobre um amplo espectro de assuntos que incluem tópicos referentes à arte de destilar, aos perfumes, aos fogos artificiais, à culinária, à caça e à pesca, entre outros. Tal variedade de assuntos, entretanto, não faz da obra um mero catálogo

de raridades. Pelo contrário, faz dela um compêndio que procurava mapear aqueles fenômenos considerados “curiosos” ou “miraculosos”.

Segundo Della Porta, a magia não era “(...) nada mais do que o exame [a inspeção] de todo o curso da Natureza”.⁴ Considerada por ele o coroamento da filosofia natural e a mais alta expressão das ciências (*scientiae*) naturais, a magia natural se afigurava como conhecimento perfeito da natureza.⁵ Tal conhecimento, entretanto, dependia da contemplação e da inspeção da “face da totalidade do mundo”, isto é,

“(…) do movimento, do estado e da forma [*figura*], assim como do nascimento, crescimento e morte das coisas do mundo. Pois, [segundo Della Porta] enquanto consideramos os céus, as estrelas, os elementos, e de como eles são movidos e mudam, por este meio nós descobrimos os segredos ocultos das criaturas vivas, das plantas, dos metais e de sua geração e corrupção (...)”.⁶

Para Della Porta, um diligente investigador das operações da natureza, ao observar como a natureza fazia gerar e corromper todas as coisas, aprendia a fazer o mesmo.⁷

3 G. della Porta, *Natural Magick*, p. 26.

4 *Ibid.*, p. 2; sobre a magia natural vide P. Piccari, *La sapienza dei maghi: Giovan Battista della Porta e la filosofia occulta*, pp. 27-56; vide também W. Eamon, *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*, pp. 194-233.

5 G. della Porta, *Natural Magick*, p. 3.

6 *Ibid.*, p. 15.

7 *Ibid.*, p. 15.

Pois, "(...) as operações da Magia não eram nada mais do que as operações da Natureza, da qual o mago era apenas um zeloso criado (*ministra & sedula famulatur*) (...)".⁸

Ao contrário da filosofia natural de índole aristotélica que explicava os fenômenos ordinários da natureza, a magia natural era, assim, a ciência do extraordinário, do excepcional e do incomum. Ela revelava as propriedades e as qualidades ocultas, por meio das quais era possível operar com a natureza. A magia natural era, portanto, a parte prática da filosofia natural na medida em que o mago produzia efeitos prodigiosos e assim operava os fenômenos da natureza. Segundo Della Porta:

"(...) Esta Arte [Magia], eu digo, é cheia de virtude e de muitos mistérios secretos. Ela nos revelou as propriedades e as qualidades das coisas ocultas e o conhecimento de todo curso da Natureza; e ela nos ensinou, por meio da concórdia e da discórdia das coisas, ou a apartá-las, ou a mantê-las tão unidas através da mútua e conveniente aplicação de uma coisa sobre a outra, por meio da qual nós realizamos estranhas operações, tais como aqueles que o vulgo chama de milagres (...)".⁹

Mas, além de produzir efeitos prodigiosos, cabia também ao mago, como "ministro e obediente servo da natureza", indagar-se acerca da causa de tais fenômenos extraordinários. Pois, a magia natural era o conhecimento dos processos naturais e dos fenômenos que inapropriadamente eram chamados de "miraculosos". Nesse sentido, a experiência assumia um papel importante na demonstração e na elucidação de sua causa natural constante.

Contudo, é importante observar que essa experiência na *Magia naturalis* não pode ser confundida com a moderna idéia de experimento. De fato, Della Porta ao ponderar, experimentar e verificar os relatos legados pela tradição não procurava testá-los no sentido moderno do termo.

Aqui, a idéia de experiência está relacionada com o propósito que tem o mago renascentista de mapear a totalidade da natureza. E, nesse particular, para Della Porta, a topografia básica da natureza já se encontrava mapeada nas fontes da literatura clássica, tais como em Ovídio e em Plínio, que retrataram a natureza plena de maravilhas, variedades e curiosidades.¹⁰

⁸ *Ibid.*, p. 2; nessa afirmação, Della Porta equipara o artificial e o natural; sobre a possibilidade de operar os fenômenos da natureza no século XVI e a sua relação com a magia natural, vide A. M. Alfonso-Goldfarb, "Repensando as rotas da magia a caminho da ciência moderna (um estudo preliminar)", in J. L. Goldfarb, org., *SBHC 10 anos: IV Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, pp. 133-9; p. 135.

⁹ G. della Porta, *Natural Magick*, p. 15.

¹⁰ W. Eamon, *op. cit.*, p. 216.

Entretanto, cabe observar que essas não foram as únicas fontes consideradas por Della Porta. De fato, ao longo dos vinte livros que compõem o *Magiae naturalis* encontram-se referências a Aristóteles, Dioscórides, Teofrasto, Geber, entre outros pensadores antigos e medievais que dedicaram obras ao estudo de animais, plantas e minerais. Encontram-se também referências a textos atribuídos a personagens altamente respeitados à época de Della Porta. Assim, por exemplo, no Livro XII, “Sobre os fogos artificiais”, Della Porta discorre, no Capítulo X, “Sobre as várias composições para o fogo”, invenções admitidas como sendo da autoria do legendário Marcus Graecus.¹¹

Desse modo, Della Porta debruçava-se sobre diferentes relatos e reflexões acerca da natureza e das artes, os quais, por vezes lhes serviam como “base experimental”. Por exemplo, no capítulo 48 do livro VII, intitulado “Se o alho pode ser um impedimento à virtude do ímã”, Della Porta discorre sobre as propriedades do ímã e a sua relação com o alho e a cebola:

“Agora, passarei às outras propriedades do Ímã e, primeiro,

[discutirei] se a atração do Ímã pode ser de alguma maneira impedida. *Plutarco* disse que o Alho é um grande inimigo do Ímã e que há uma grande antipatia e ódio entre essas criaturas insensíveis que, se o Ímã for esfregado com Alho, ele irá repelir o Ferro para longe. *Ptolomeu* também confirma que o Ímã não atrairá o Ferro se ele for friccionado com Alho; assim como o Âmbar não atrairá mais palha e outras coisas leves se for primeiramente embebido em Óleo. É opinião comum entre os marinheiros que Cebolas e Alho são inimigos do Ímã; e os timoneiros (...) estão proibidos de comer Alho e Cebolas para que não interfiram no ponteiro da bússola (...)”¹².

Até aqui, Della Porta passa em revista as opiniões herdadas dos antigos e de seus contemporâneos. Mas, logo em seguida, ele retifica e diz:

“(...). Mas, quando eu tentei todas essas coisas, eu descobri que eram falsas. Pois, ao soprar sobre o Ímã depois de comer Alho, a sua virtude não foi impedida; assim também quando ele foi totalmente esfregado com o caldo de Alho, funcionou tão bem como se ele não tivesse sido tocado por ele (...). E, novamente, quando perguntei aos Marinheiros, se isso era assim mesmo, que eles estavam proibidos de comer Cebolas e Alho por aquela razão; eles disseram que isso era superstição e ridículo (...)”¹³.

Tais relatos podem ser multiplicados quase que

11 Sobre essa fontes do *Magia naturalis*, vide M. H. R. Beltran, “Receitas: experimentos e segredos”, no prelo.

12 G. della Porta, *Natural Magick*, p. 212.

13 *Ibid.*, p. 212.

indefinidamente no *Magia naturalis*. E neles pode-se perceber que Della Porta não parece distinguir entre história e experiência. Contudo, convém observar que para ele, “ler” o livro da natureza era o mesmo que ler um texto. Desse modo, os fenômenos prodigiosos e “miraculosos” relatados pelos antigos eram tomados como experimentos genuínos que se apresentavam para ele como possibilidade de conhecer a natureza por outros meios.

Assim, é bem possível que, ao distinguir entre relatos autênticos e falsos testemunhos, Della Porta não tinha por propósito confirmar a veracidade dos relatos históricos. Pelo contrário, ao experimentar e ao ponderar sobre tais segredos, ele tinha por objetivo enriquecer a *Magia naturalis* de experiências que produzissem efeitos prodigiosos. Tal procedimento, entretanto, estava relacionado com a sua tentativa de imitar a natureza de tal modo a apropriar-se dela e de superá-la – no sentido de poder operá-la sem ultrapassar seus limites – dando, assim, à magia natural a conotação de parte prática da filosofia natural na qual o mago, de simples observador, passava a ser um habilidoso operador e criador.

BIBLIOGRAFIA

- CLUBB, L. G. *Giambattista della Porta Dramatist*. Princeton/Nova Jérsei, Princeton University Press, 1965.
- DELLA PORTA, G. *Magiae naturalis libri XX in quibus scientiarum naturalium divitiae et deliciae demonstrantur*. Nápoles, Horatium Salvianum, 1589; microfichas digitalizadas, cortesia CESIMA/PUCSP, 2004.
- _____. *Natural Magick*. Londres, Thomas Young & Samuel Speed, 1658; reimpressão fac-similar (org. de D. J. Price). Nova Iorque, Basic Books, 1957.
- EAMON, W. *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*. Princeton/Nova Jérsei, Princeton University Press, 1994.
- GILLISPIE, C. C., org., *Dictionary of Scientific Biography*. Nova Iorque, Charles Scribner's son, 1981, 16 vols.
- GOLDFARG, J. L., org. *SBHC 10 anos: IV Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Anais*. São Paulo, FAPEMIG/Anna Blume/ Nova Stella, 1999.
- PICCARI, P. *La sapienza dei maghi: Giovan Battista della Porta e la filosofia occulta*. Florença, Atanor/Propilei, 1999.